

GT42: Experiências contra-hegemônicas em Memória Social e Patrimônio Cultural

Regina Abreu, José Maria da Silva

O GT pretende reunir trabalhos que focalizem experiências contra-hegemônicas no campo da Memória Social e do Patrimônio Cultural construídas à margem e em dissonância com o neocolonialismo. A intenção é abordar propostas, caminhos e perspectivas que coloquem em cena diferentes paradigmas culturais e de outros processos civilizatórios, com seus sistemas de conhecimento e práticas de memorização que foram e são invisibilizados. Especial atenção será conferida a referências de memória coletiva e social entre populações quilombolas e indígenas, comunidades tradicionais, coletivos emergentes, coletivos de mulheres, movimentos sociais, entre outros segmentos, expressas pelos sistemas singulares de produção agrícola, de conhecimento medicinal e ambiental, de visões de mundo, de cartografias sociais, culturais e de lugares de memória, de fabulação em torno do mágico e do sagrado, de mitos e rituais. Procuraremos perceber a atualidade de formas expressivas de relacionamento com diferentes concepções de tempo e de patrimônios, onde habitam seres humanos e não humanos, nos quais são partilhadas diferentes formas de ordenação do pensamento, da memória social e da relação com a terra e o meio ambiente, como em eventos alusivos à memória de movimentos sociais, em feiras de troca de sementes crioulas, em iniciativas de hortas e farmácias comunitárias, em processos de autodemarcação territorial, em reivindicações de propriedade intelectual, entre outros.

Lugar, gesto e memória: persistências no fazer das loiças Xokó

Autoria: Larousse Soares Magalhães

A proposta em questão é resultado da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (PROARQ-UFS). O trabalho, inspirado em abordagens etnoarqueológicas, foi realizado junto às mulheres loiceiras (ceramistas) do povo indígena Xokó, que vive na Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro (SE), localizada na região do baixo São Francisco. O território tradicionalmente ocupado pelos Xokó se tornou alvo de disputa ainda nas primeiras décadas da invasão do colonizador europeu e a violência desencadeada desde então está expressa nos séculos de silenciamento e invisibilização do povo indígena em questão. A loiça de barro, historicamente reconhecida como marca identitária do povo, contribuiu e viabilizou a ressurgência étnica dos Xokó na década de 1970, depois de séculos de prevalência de um discurso que negava a ancestralidade do povo. No presente, a história das loiças permanece como pilar indispensável à memória coletiva, constantemente recordada em rodas de conversas dentre as diferentes gerações, embora o número de loiceiras já não seja tão expressivo dentre as mais novas. Dos períodos que antecederam a retomada do território até a homologação da Terra Indígena, o fazer da loiça passou por diversos processos de mudanças, que constituíram estratégias indígenas de manutenção desta prática ancestral. Contudo, algumas escolhas relacionadas ao fazer das loiças se mostraram irredutíveis: o barreiro utilizado no presente é o mesmo das histórias contadas pelas mais velhas; os gestos indicam um processo produtivo de longa data; as histórias das mulheres são (re)contadas por diversas vozes. Estes aspectos indicam que as mudanças e continuidades na produção cerâmica são faces de um mesmo fenômeno: a persistências da identidade Xokó materializada nas vasilhas de barro. Acessar essas permanências requer exercitar a escuta, mas também revisitar os discursos hegemônicos que tentaram as invisibilizar por tanto tempo. A memória Xokó, experienciada de modo particular, evidencia um contraponto ao discurso oficial ao lançar luz sobre as mesmas histórias a partir de um outro prisma.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

